

do seu passadio. Tudo isso, junto, lhe permitia comprar o indispensável alimento do espírito e pagar o quarto na casa de hóspedes.

Deodato aborrecia a política «prática»: como se houvesse outra! Em Coimbra, repelira o namoro dos tradicionalistas, chefiados pelo «Milheiro-das-barbas»; já em Lisboa, declinou convites para aderir a dois ou três partidos: não via diferença alguma entre eles, os seus programas e homens. Pertencia a uma geração algo desiludida do que «estava», céptica a respeito do anarco-sindicalismo e até do socialismo, num país de escasso proletariado industrial e entregue nas mãos de interesses, muitos deles estrangeiros, habilmente camuflados. Quando não se atiravam para os braços da Autoridade ou da Tradição, os seus contemporâneos reagiam contra a retórica serôdia e aspiravam a um paternalismo intelectualista, helenístico, uma espécie de República Pedagógica em que havia uma vaga sugestão do *Discípulo*, de Paul Bourget, e da mais recente *République des Professeurs*, de Albert Thibaudet; talvez mesmo à ditadura inspirada e consentida, do Povo e pelo Povo, e não contra ele, que andava nos anseios de muita gente. A Salvação Nacional era a meta comum.

Gravitando insensivelmente para todos os protestos e reformismos, aproximou-se d'A *Sementeira*, revista da oposição que então agitava os arraiais da inteligência e da política. Os homens d'A *Sementeira* não eram um partido nem queriam governar: mas esclarecer, inspirar, agitar problemas e indicar soluções. Embebidos de crítica histórica, e com tendências socializantes, preconizavam a reforma da educação e da mentalidade, acreditavam no advento da Razão, na eficácia das ideias puras, na transformação das coisas pelo espírito, no mérito pedagógico da pregação e da

polémica, e tinham a vocação da renúncia, o desprezo da hipocrisia, do empirismo e videirismo da existência nacional. Entre o «marasmo parlamentar» e a «agitação endémica das ruas», procuravam o meio-termo, a estrada lisa da persuasão, que levaria a uma política técnica e racional, em que os interesses privados, os caprichos e flutuações humorais dos homens não influíssem perniciosamente. Fiéis às liberdades cívicas, tinham da politicagem o mesmo horror que os seus maiores da Grande Geração nutriam pelo Constitucionalismo decadente: mas, se aqueles haviam feito sobretudo literatura, sátira e especulação, e derivado mesmo para a Autoridade, os iluminados d'A *Sementeira* intentavam refazer o regime, dentro do quadro nacional e actual, a golpes de doutrinação, sugerindo reformas concretas na educação, na economia, nos costumes e nas instituições democráticas.

Sentindo vagamente que eles gratificavam os seus próprios intuitos ainda mal definidos, admirou-lhes a combatividade, o talento, a coragem moral: entre desquitar-se do ambiente e aceitá-lo sem protesto, ou corromper-se, eles ensejavam-lhe o compromisso necessário. O martírio estava na ordem do dia, e se o suicídio de Antero lhes parecia pouco exemplar, o seu conceito da Revolução como ideia era um princípio-guia. Tudo assim neles o fascinava: desejou actuar, como eles, ao sopro casto das intenções impessoais, desinteressadas. Combater no terreno das ideias era também, afinal, a maneira de evadir com elegância os seus próprios problemas. Ele mesmo dizia, em versos que, felizmente, nunca terminou nem publicou:

*De vela aberta ao sopro das Ideias
e pés fincados no convés da Vida...*

A *Sementeira* tinha entusiastas e detractores: estes diziam-na um círculo de pedantes, reaccionários enca-

potados, aristocratas e *snoobs* desdenhosos do povo, intelectuais na torre-de-marfim (ou na Lua), e até bolchevistas. Para os estimar, Deodato nem precisava de aprender as monstruosas contradições destes críticos: estavam na vanguarda e na oposição, à margem da consagração oficial; e continuavam a campanha multissecular dos Economistas, dos Expatriados e Estrangeirados, e da Grande Geração. Era o seu lugar. E ele, que ainda não organizara a sua própria existência, sentiu-se capaz de acudir também à Pátria aflita.

Já em Coimbra lhes tinha angariado leitores, e de lá lhes mandara uns *suelos* que tinham sido bem aceites. Um dia, munido de um artigo que recopiara meia dúzia de vezes, apresentou-se sem formalidades na redacção da revista. Foi carinhosamente acolhido. Lisonjeado e confuso, apertou as mãos de onde, ao tempo, dimanava muito do seu alimento espiritual. Aqueles homens de puras intenções, todos próximos do meridiano da vida, alguns deles com obra feita, outros com promessas fulgurantes, rejubilavam com a adesão dos moços, cheios talvez da esperança de quem, penosamente solitário, descrê já do tempo e de si próprio. Procuravam, eles e ele, o amparo mútuo. Havia outros jovens. Sentaram-no à mesa da discussão, trocaram impressões, ouviram-lhe os projectos, riram com as suas evocações de Coimbra, e um deles falou-lhe assim: «Quanto mais felizes são os rapazes que agora começam, como o meu amigo, porque encontram uma elite pronta a orientá-los! Nós não tivemos nada de parecido: crescemos no abandono, no protesto, entregues a nós mesmos, no vácuo deixado pela Grande Geração, a derrocada do passado, e a confusão do novo regime. Tudo nos foi preciso erguer pelas nossas próprias mãos!»

Inspirado pelo acolhimento e sedento de absoluto e perfeição, lançou-se a escrever com fervor. Arremeteu contra moinhos: pediu a Universidade perfeita e

a pesquisa redentora; a reorganização da economia, da justiça, do funcionalismo, do Parlamento; fez discursos e conferências em escolas e sindicatos, onde era escutado com simpatia, às vezes com reserva; traduziu do francês folhetos radicais-socialistas, e outros, socialistas fabianos, do inglês, à força de dicionário; leu e estudou, preparou notas para programas e cartilhas políticas. A sua timidez desentranhava-se em audácias. Outro director disse-lhe uma tarde, com senso de humor e bonomia: «O meu amigo, se não o retemos, não deixa pedra sobre pedra: pior que o terramoto, pior que o Pombal!» Mas não era esse precisamente o mérito das Ideias, mundo sem resistências nem limites, onde tudo se permite? No seu sonho, Portugal ia-se tornar o Paraíso que oito séculos de virtudes e erros não tinham podido implantar. E tudo isso se processava dentro do quadro restrito da Nação, como se o resto do mundo não existisse.

Entretanto, o seu fundo pragmático de camponês exigia que as sementes do pensamento rebentassem em frutos. Não lhe bastava idealizar, queria entrar em acção. Factos e números pareceram-lhe argumentos os mais decisivos a serviço da abstracção. Esboçou um plano ambicioso de inquérito económico e social, respaldado nos vinte valores que obtivera em Economia Política (no exame a que presidiu o Conselheiro Soares). *A Sementeira*, porém, não tinha recursos para um trabalho dessa envergadura: porque não tentava ele a grande imprensa?, disseram-lhe. Um estudo sério e objectivo, de tal ordem, não podia deixar de interessar os quotidianos. Vencendo a repugnância e a timidez, andou pelos jornais a explicar o seu plano. Era olhado com cepticismo: Um rapaz novo, um intellectual sem experiência, e para mais d'*A Sementeira*... Uns julgaram-no ingénuo, outros ambicioso ou suspeito. Mandavam-no voltar dali a três dias, como ao fornecedor que reclama o que lhe devem. E quando

ele reaparecia, um contínuo sonolento ou um secretário escarninho restituíam-lhe os papéis intactos, sem um comentário.

Houve no entanto um administrador-delegado, com assento nos altos negócios, que o recebeu no seu gabinete do jornal, espécie de fortaleza com muitas escadas interiores e portas de aço como os cofres; percorreu por alto o Plano, apertou os lábios grossos, acenou severamente a cabeça: «Balança de pagamentos, índice alimentar, higiene, habitação, mortalidade, salários, jornada de trabalho, seguros, produtividade, cavalos-vapor, quilovátios, dividendos...» Fez girar a cadeira de braços, fitou Deodato com um vinco na testa, e disse: «Meu caro senhor, isto não é a Repartição Internacional do Trabalho. Nem estamos aqui para fazer fretes à C. G. T. Leve isto à *Batalha* ou à *Sementeira*: lá é que deve interessar!» Despediu-o com um gesto brusco, sem lhe estender a mão. Deodato apreciou a franqueza, e reprimiu o desejo de lhe cuspir na cara.

O Plano tornou para a gaveta, e ele meditou se teria seguido as vias apropriadas, ou se aquela Imprensa estaria de facto desejosa de servir. Para se consolar, pensou que em qualquer nação civilizada, ou mesmo no Portugal da Grande Geração, os grandes jornais teriam disputado a colaboração dum rapaz estudioso e empreendedor, que só pedia um passe de imprensa e o magro subsídio necessário a uma obra daquele vulto. Quanto tínhamos decaído, apesar da liberdade! *A Sementeira* tinha razão: os vícios eram da Cultura. Urgia limpar as cavalariças de Augias do «Reino Cada-veroso», começar pela reforma da mentalidade!

Ocorreu-lhe depois um problema que já em Coimbra lhe tinha prendido a atenção: a delinquência juvenil. Lera muito a esse respeito; e havia tanto a fazer! Procederia a um inquérito factuel e dramático. Por apresentação de um dos directores da revista, come-